

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

ENTRE JANELAS E RUAS: CONSTRUINDO A PROBLEMÁTICA DE PESQUISA DAS IMAGENS DE MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Marina Coelho Rosa e Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina
marinacrs@gmail.com

Resumo Este estudo, parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, investiga os discursos visuais expressos por imagens de mulheres nos livros didáticos de Geografia, utilizando o gesto arquivístico como procedimento de pesquisa, com o objetivo de tensionar suas representações e abrir novas perspectivas. Apresenta-se um exercício inicial de montagem do arquivo, etapa que contribuiu para a formulação da problemática, a delimitação das questões de pesquisa e a definição de modos de investigar com imagens. A pesquisa se ancora na cultura visual, articulando autores como Gillian Rose, para compreender as imagens como dispositivos que organizam formas de conhecer o mundo. A noção de arquivo, conforme Foucault e Farge, é mobilizada como gesto de coleta, exigindo aproximação atenta aos materiais e reconhecendo a ausência de neutralidade na organização do que se recolhe. Dois movimentos de arquivo foram realizados: exploração de acervos antigos e montagem com livros atuais, revelando continuidades e rupturas nas representações femininas, desde cenas de domesticidade até presenças no espaço público e em lutas sociais. O processo não produz respostas definitivas, mas gera questionamentos: que geografias do feminino essas imagens constroem? Que espacialidades oferecem às mulheres? O que silenciam e o que tornam visível? Ao tratar as imagens como produtoras de sentidos, discursos e espacialidades, a pesquisa tensiona significados cristalizados e abre novas miradas sobre a presença das mulheres nos livros didáticos de Geografia.

Palavras Chave: Educação Pelas Imagens; Cultura Visual; Gesto Arquivístico.

Introdução

Este texto integra uma pesquisa de doutorado em andamento no campo da Educação, com foco nas imagens de mulheres presentes nos livros didáticos de Geografia. O estudo tem como objetivo investigar os discursos visuais expressos por essas imagens, mobilizando o gesto arquivístico como procedimento de pesquisa, com o intuito de tensionar suas representações e abrir outras miradas possíveis.

Diversos estudos, como os de Pellucio (2010) e Cardoso (2019), têm demonstrado que os livros didáticos perpetuam imagens ancoradas em modelos tradicionais e sexistas de sociedade, nas quais homens aparecem em situações públicas e produtivas, enquanto mulheres são vinculadas ao espaço privado e ao cuidado. Nesse sentido, Brockes (2023) aponta que, em termos numéricos, as imagens de homens nos livros didáticos são maioria em relação às de

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

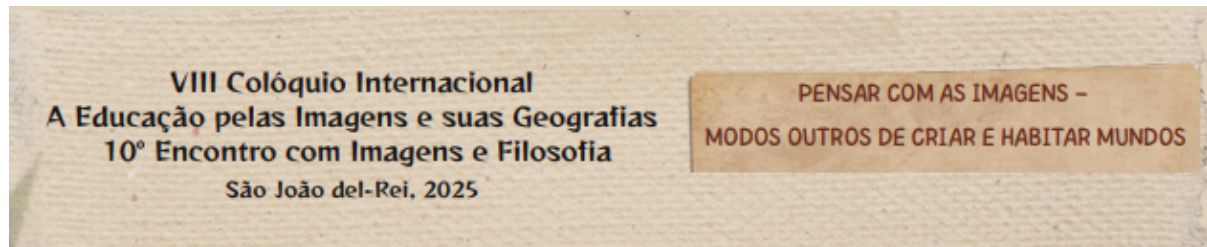
PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

mulheres. Para além da questão quantitativa, Tonini (2002) destaca que os livros didáticos de Geografia contribuem para a construção de identidades sociais fixas e hierarquizadas, revelando relações de poder no modo como o espaço geográfico é representado, naturalizando desigualdades de gênero e reforçando uma lógica espacial excludente, alinhada a estruturas de poder ainda vigentes na educação (Firmino, 2020). De maneira complementar, Mello (2021) afirma que os livros reforçam estereótipos de gênero e silenciam a diversidade sexual.

À luz dessas constatações, este trabalho apresenta parte do percurso da pesquisa. O processo tem se delineado em um primeiro exercício de montagem do arquivo, a partir do qual emergem questionamentos em torno das imagens. O objetivo é discutir como o exercício arquivístico tem contribuído para a formulação da problemática e os modos de investigar com imagens.

A investigação se ancora em perspectivas que permitem pensar as imagens presentes nos livros didáticos a partir da cultura visual reconhecendo que elas não se limitam a ilustrar conteúdos, mas participam ativamente da produção de sentidos e formas de ver o mundo. Nesse sentido, os livros didáticos podem ser compreendidos como tecnologias escolares, como afirmam Masschelein e Simons (2013), que organizam modos de ensinar e aprender estruturando o currículo. Ferracini e Hollman (2014), os livros didáticos são parte do discurso escolar e são documentos oficiais que influenciam a sociedade e difundem a narrativa oficial do Estado a respeito de temas determinados e por isso tornam-se uma fonte de pesquisa para a identificação e análise das rupturas e continuidades na Geografia escolar.

No caso da Geografia, essa dimensão imagética ganha ainda mais centralidade, pois, de acordo com Gillian Rose (2013) se trata de uma disciplina que se constituiu por meio de diferentes suportes visuais. Por isso, pensar a Geografia implica refletir sobre como certas imagens, mais do que apenas representar, organizam e estruturam modos de pensar (ROSE, 2013). Nesse sentido, Ana Paula Chaves (2020) propõe compreender a imagem a partir de um duplo movimento: de um lado, sua potência como janela que permite ver e conhecer o mundo; de outro, sua força como dispositivo educativo que nos forma, ao produzir maneiras de olhar. Para a autora, esse duplo movimento funciona como uma dobradiça, ora revelando e tornando



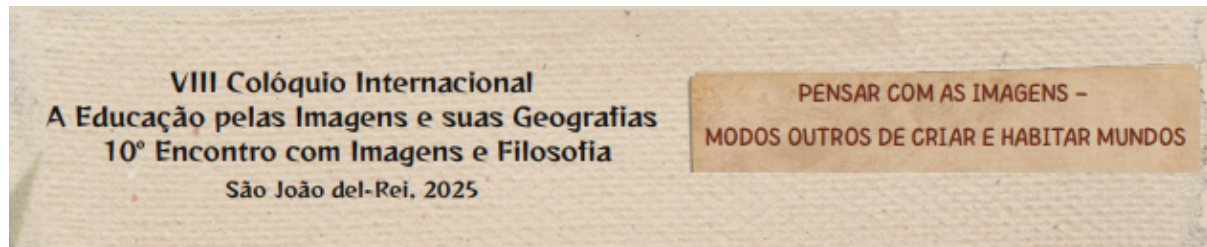
visíveis certos discursos, ora ocultando e silenciando outros. Nesse sentido, pesquisar com as imagens implica criar dispositivos que permitam perguntar: o que essas imagens tornam visível? O que silenciam? Que visões de mundo colocam em circulação?

Primeiros Movimentos Arquivísticos

Entre as ferramentas que orientam o percurso da pesquisa, destaca-se a noção de noção de arquivo, conforme mobilizada por Michel Foucault e aprofundada por Arlette Farge (2017), que enfatiza o caráter inventivo desse gesto investigativo. Para Farge (2017), o arquivo não se limita à reunião de documentos, mas constitui uma prática que envolve escuta, atenção e abertura ao inesperado. A autora propõe o que chama de gestos de coleta, formas de aproximação aos materiais que recusam leituras apressadas e interpretações já consolidadas, destacando que "o arquivo não supõe o arquivista", ou seja, não existe um gesto neutro de organização do que se recolhe. É nessa perspectiva que se inscreve o primeiro exercício de arquivamento, que se entrelaça, de maneira indissociável, com um movimento memorial.

O primeiro movimento foi realizado no acervo online do Laboratório de Ensino e Material Didático da USP, que reúne materiais desde o século XIX. Na área de Geografia, três livros não continham imagens de mulheres. A pesquisa prosseguiu com dois livros de Educação Moral e Cívica datados de 1936 e 1924. As ilustrações apresentam mulheres em posições, vinculadas ao cuidado da casa e da família, reforçando um ideal voltado para o interior dos lares, como evidenciado na composição visual da Figura 1.

Figura 1 - Composição de imagens do Livro Didático *Corações de Crianças: Série de contos morais e cívicos*



Fonte: Barreto, 1924

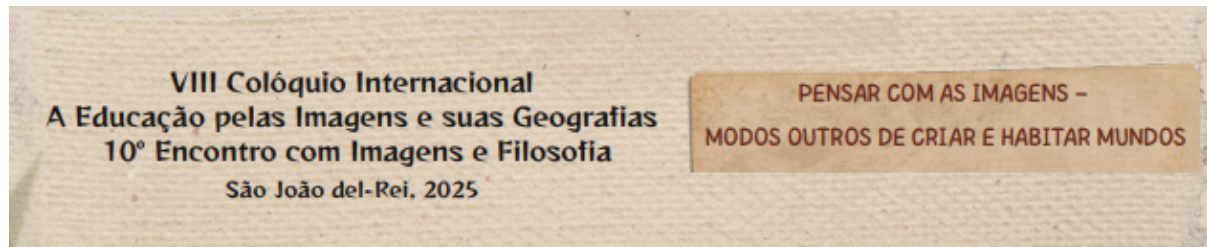
Ao observar as ilustrações, uma cena recorrente chamou a atenção: mulheres, ou mais precisamente, meninas, retratadas dentro de casa, olhando pela janela, espiando o exterior por entre as cortinas, como se tentassem ver sem serem vistas, mantendo-se resguardadas no espaço doméstico. A repetição dessa cena, o olhar que atravessa a janela, mas permanece delimitado por ela, sugere não apenas um modo de representar a infância feminina, mas também um modo de ensiná-la: a se conter, a observar de dentro, a ocupar um lugar fixo e silencioso.

Figura 2 - Composição de imagens dos Livros didáticos *Corações de Crianças: Série de contos morais e cívicos e Meus Deveres - Educação moral e cívica*



Fonte: Barreto, 1924; Pinto e Silva, 1939

A janela funciona como uma fronteira simbólica entre o dentro e o fora, entre o mundo da casa e o espaço público, do qual essas meninas estão recolhidas. A repetição sugere a



pensar: que geografias do feminino são produzidas por essas imagens? O que elas silenciam e o que fazem ver? E, mais ainda, como essas visualidades operam nas formas como as meninas, e depois, mulheres aprendem a habitar o mundo? As imagens despertam sobre os modos como as espacialidades femininas são construídas visualmente nos livros didáticos. A recorrência dessa cena, o gesto de olhar para fora, a presença constante do espaço interno como moldura, parecem apontar para uma narrativa silenciosa sobre os lugares que as mulheres devem ocupar: dentro, esperando, observando o mundo apenas pela fresta da janela.

No segundo gesto arquivístico, foram analisadas duas coleções de livros de geografia aprovados no PNLD de 2018. O critério de seleção considerou a disponibilidade do acervo pessoal da pesquisadora. A análise identificou 30 imagens de mulheres. A partir delas, realizou-se um exercício de agrupamento visual, permitindo a criação de composições e novas leituras. Nesse processo, emergiram dois grupos principais: mulheres em busca de direitos ou engajadas em causas sociais (13 imagens) e mulheres no espaço de trabalho (7 imagens).

A partir do contexto das lutas por igualdade de gênero, passa a reverberar nos livros didáticos uma representação das mulheres em circulação, em ação, em diálogo com o espaço público. Essas imagens, ainda que pontuais, parecem responder, ou tensionar, as transformações sociais e os debates feministas que se intensificaram nas últimas décadas.

Figura 3 - Composição 1- Mulheres nas Lutas sociais

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS



Fonte: Acervo da autora

Figura 4 - Composição 2 - Mulheres nas Lutas sociais



Fonte: Acervo da autora

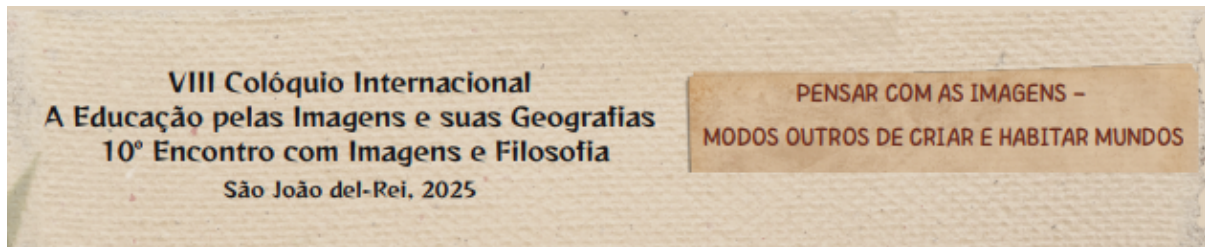


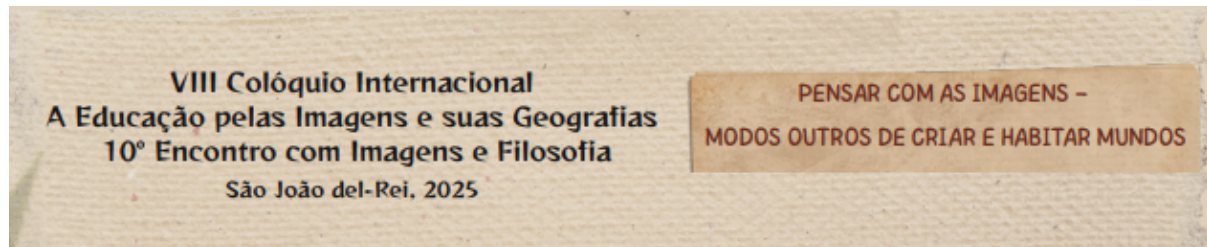
Figura 5 - Composição 3 - Mulheres no espaço de trabalho



Fonte: Acervo da autora

Para além das imagens dos livros didáticos, a pesquisa passa a considerar a mulher e suas especialidades. Essa constatação suscitou uma inquietação central: Como o gênero molda os modos de estar, ver e ocupar o espaço urbano? Um homem parado na rua é geralmente percebido como cidadão; uma mulher parada é muitas vezes lida como suspeita, disponível ou fora do lugar.

Existem movimentos e autoras que já vêm reivindicando a figura da *flâneuse* como forma de tensionar a perspectiva dominante da experiência urbana masculina. como o registrado no livro *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio e Londres*, de Lauren Elkin (2024). A autora traz a reflexão de que, por muito tempo, o direito de circular livremente, observar e ocupar o espaço público foi reservado aos homens. As mulheres, vistas como deslocadas ou transgressoras nesse espaço, eram associadas à figura da prostituta, da dona de casa ou da consumidora.



A autora também é trazida à discussão, porque a imagem da capa do livro tem reverberado na construção da problemática. Uma mulher caminhando sozinha enquanto é observada por um grupo de homens. A tensão é visível: parece que qualquer deslize, qualquer passo em falso, a tornaria ainda mais vulnerável diante dos quinze homens que a cercam.

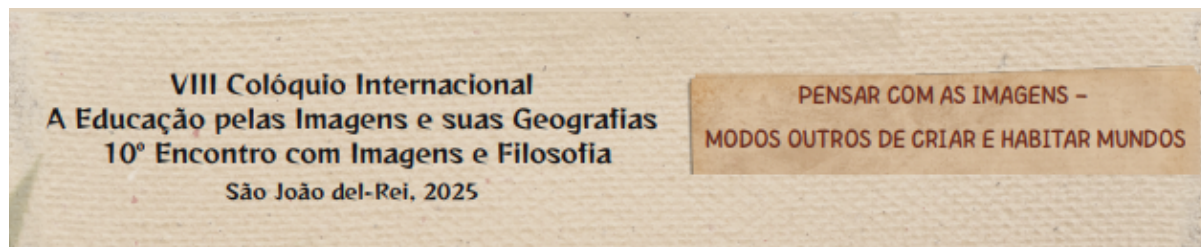
Figura 6 - American Girl in Italy



Fonte: Ruth Orkin (1951)

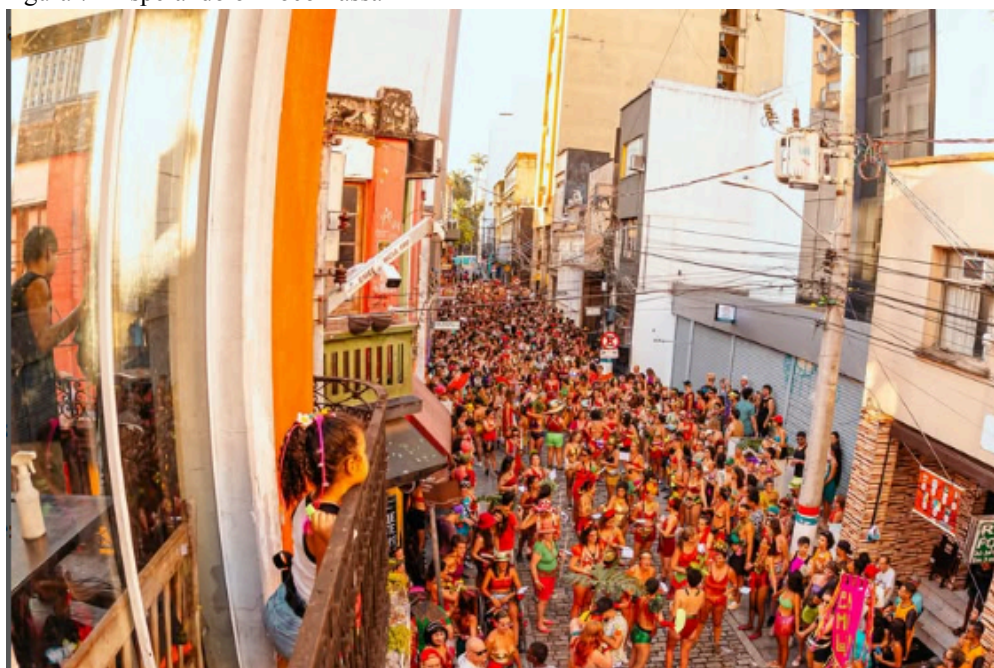
A fotografia foi encenada pela fotógrafa e pela retratada, funcionando como uma experiência comum: a exposição e a vigilância constantes dirigidas às mulheres no espaço público. Essa informação, longe de tirar a força da imagem, apenas a amplia. Aquilo que parece um instante isolado é, na verdade, um gesto coletivo de denúncia e elaboração entre duas mulheres.

Uma imagem do arquivo pessoal dialoga com o questionamento anterior e atravessa esta pesquisa: uma menina observa, da janela, a passagem de um bloco. A mesma menina que, nos livros antigos, espiava pela janela escondida, hoje encontra nesse vidro um espelho, ao ver refletido um bloco de mulheres ocupando a rua. Essa imagem sintetiza a transformação possível, da contemplação passiva à presença ativa, e reforça a urgência de desvelar as narrativas e imagens que moldam nossos modos de habitar o mundo. É também um convite



para que essa mudança se amplie, incorporando novas histórias, corpos e subjetividades nas ruas, nas escolas e nas representações que construímos.

Figura 7 - Esperando o Bloco Passar



Fonte: Pedro Mallan (2025)

Entre Janelas e Ruas

Este artigo apresentou um recorte inicial do percurso de pesquisa, no qual o gesto arquivístico foi acionado como forma de aproximar-me das imagens de mulheres nos livros didáticos de Geografia e, a partir delas, delinear a problemática da tese. Os dois movimentos de arquivo foram descritos: a exploração de acervos antigos e a montagem com livros atuais, revelaram continuidades e rupturas nas representações femininas: das cenas de domesticidade e confinamento às presenças no espaço público e nas lutas sociais.

Além disso, estabeleceu-se um diálogo entre as imagens encontradas nos livros didáticos e outras provenientes de diferentes acervos e do meu próprio arquivo pessoal, buscando ampliar o olhar, criar contrastes e estabelecer aproximações que permitissem

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

problematizar ainda mais as representações femininas. Ao colocar esses diferentes registros em relação, já se instaura um deslocamento no olhar, abrindo espaço para outras miradas possíveis e para a emergência de narrativas que escapam às molduras habituais dos livros didáticos.

O processo não produziu respostas fechadas, mas gerou perguntas que orientam a investigação: que geografias do feminino essas imagens constroem? Que espacialidades oferecem às mulheres? O que silenciam e o que fazem ver? Ao assumir as imagens não apenas como ilustrações, mas como produtoras de sentidos e dispositivos que geram discursos, subjetividades e espacialidades, esta pesquisa busca tensionar sentidos cristalizados, não para denunciá-los apenas, mas para abrir espaço a outras miradas possíveis.

Assim, insere-se em um esforço de tornar visíveis os mecanismos que silenciam, desvalorizam ou excluem determinados corpos, propondo um exercício imaginativo sobre como vemos, e podemos vir a ver, as mulheres nos livros didáticos de Geografia.

Se no passado as meninas eram ensinadas a observar o mundo pela janela, hoje me inquietam as janelas, reais e simbólicas, que ainda se impõem sobre os corpos femininos. A imagem de uma menina que observa um bloco passar, ecoa esse questionamento e reforça o desejo que move esta pesquisa: que as mulheres não precisem mais assistir à vida passar, mas possam habitá-la, caminhá-la e transformá-la.

REFERÊNCIAS

BROCKES CAMPOS, Mariana. A representatividade da mulher nos livros didáticos de Geografia e documentos curriculares oficiais. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

CARDOSO, Vania Gomes. *Discursos sobre a construção corporal da mulher em livros didáticos do ensino fundamental*. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí, Jataí, 2019.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

CHAVES, Ana Paula Nunes. “Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos”. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 24, e24147, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.47>. Acesso em: 5 ago. 2025.

ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo, 2024.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2017.

FERRACINI, Rosemberg; HOLLMAN, Veronica. “Apresentação - ora compêndio, ora livros escolares, ora livros didáticos: sempre necessários na Geografia escolar”. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, [S.l.], v. 4, n. 8, p. 3–10, 2015. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/183>. Acesso em: 11 jun. 2025.

FERREIRA, Leandro Borges. *Relações de gênero e sexualidade em livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental: um estudo de caso em uma escola de Ilícinea-MG*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, 2019.

FIRMINO, Larissa Corrêa. *Fotoatlas: uma cartografia de gênero em imagens de livros didáticos de Geografia*. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MALLAN, Pedro. *Esperando o Bloco Passar* [título próprio]. Fotografia, 2025. Acervo pessoal do autor.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MELLO, Tyrone Andrade de. *Corpos que não importam: mulheres travestis nos livros didáticos de Geografia*. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

PELLUCIO, Gabrielle. “Há homens que têm patroa. Há homens que têm mulher. E há mulheres que escolhem o que querem ser”: perspectiva de gênero na Geografia. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2010.

ROSE, Gillian. “Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a geografia é visual?”. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 33, jan./jun. 2013. Disponível em:

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/8473/6283>.

Acesso em: 5 ago. 2025.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. *Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2017.

SILVA, Angela Corrêa da; BACIC, Nelson; LOZANO, Ruy. *Geografia: Contextos e Redes*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2017.

TONINI, Ivaine Maria. *Identidades capturadas: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia*. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ORKIN, Ruth. *American Girl in Italy*. Fotografia, 1951.